



UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da
Natureza
Multicampi Cornélio Procópio e Londrina

WANDERLEY JOSÉ GONÇALVES

PRODUTO EDUCACIONAL
MANUAL PERFORMÁTICO PARA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

CORNÉLIO PROCÓPIO

2026

WANDERLEY JOSÉ GONÇALVES

MANUAL PERFORMÁTICO PARA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Performance Manual for Storytelling

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza – *Multicampi* Cornélio Procópio e Londrina, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza.

Área de Concentração: Ensino, Ciências e Novas Tecnologias.

Linha de Pesquisa: Fundamentos e Metodologias para o Ensino de Ciências Humanas.

Orientadora: Profa. Dra. Marilu Martens Oliveira

CORNÉLIO PROCÓPIO

2026



[4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/)

Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho para fins não comerciais, desde que atribuam o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são cobertos pela licença.



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Campus Londrina



WANDERLEY JOSE GONCALVES

IMERSÃO LITERÁRIA: O TEATRO E UM NOVO OLHAR PARA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Trabalho de pesquisa de mestrado apresentado como requisito para obtenção do título de Mestre Em Ensino De Ciências Humanas, Sociais E Da Natureza da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Área de concentração: Ensino, Ciências E Novas Tecnologias.

Data de aprovação: 24 de Fevereiro de 2026

Dra. Marilu Martens Oliveira, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Dr. Maurício Cesar Menon, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná



Dra. Sheila Oliveira Lima, Doutorado - Universidade Estadual de Londrina (UEL)


Documento gerado pelo Sistema Acadêmico da UTFPR a partir dos dados da Ata de Defesa em 24/02/2026.

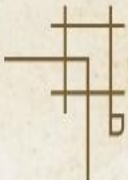


LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Índice ilustrativo do Manual	12
Figura 2 - Sugestões de livros até os 3 anos	14
Figura 3 - Sugestões de livros de 3 a 6 anos	15
Figura 4 - Sugestões de livros de 7 a 9 anos.....	16
Figura 5 - Sugestões de livros acima dos 11 anos.....	18
Figura 6 - Passo a passo para a elaboração de um chapéu.....	28

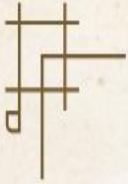






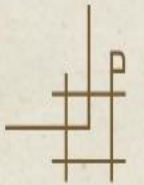
LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Atividade da prática número 1	20
Quadro 2 - Sugestões de cantigas de roda	21
Quadro 3 – Atividade da prática número 2	22
Quadro 4 - Questionário da 3 ^a etapa	22
Quadro 5 - Atividade da prática número 3	23
Quadro 6 - Adversidades e sugestões para tomada de decisões	24
Quadro 7 - Recursos auxiliares	25
Quadro 8 - Atividade da prática número 5	31



LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Características da voz29
Tabela 2 - Roteiro da história e do contador32



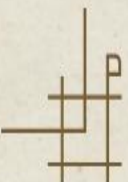
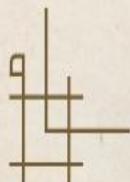






SUMÁRIO

1 SEM MAIS DELONGAS.....	7
2 DA LEITURA AO IÇAR DAS CORTINAS: O MANUAL	9
2.1. Script: Imersão teórico-prática	12
2.1.1 Público-alvo x Faixa etária	13
2.1.2 Objetivo x Tema	18
2.1.3 Observando a história: aspectos relevantes	19
2.1.4 Preparando a história: as 4 etapas.....	19
2.1.5 Performance: o corpo em (encena) ação	28
ÚLTIMAS PALAVRAS	32
REFERÊNCIAS E OBRAS INDICADAS	34





1 SEM MAIS DELONGAS

Caro colega, como é bom saber que você chegou até aqui. Apresento-lhe com muita satisfação este **Manual Performático para Contação de Histórias**, um instrumento que foi lapidado ao longo de mais de dois anos para estar a serviço da literatura, do lúdico e do conhecimento. Desejo que esse seja um combustível para sua prática na formação de leitores e amplie seu repertório de recursos para o ensino da literatura.

O **Manual...** é um produto educacional resultante das pesquisas, reflexões e estudos realizados junto ao Programa *Multicampi* (Londrina e Cornélio Procópio) de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza (PPGEN), da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Sou o professor Wanderley José Gonçalves, formado no curso de Letras, em 2005, pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). Obtive o título de especialista em Literatura Brasileira, em 2015, pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e atuo com Contações de Histórias pelo Serviço Social do Comércio (SESC) desde 2018. Meus estudos, pesquisas e desenvolvimento foram realizados entre os anos de 2023 e 2025 nos *Campi* Londrina e Cornélio Procópio da UTFPR.

As etapas de construção e execução desse Manual contaram com as orientações e contribuições da Profa. Dra. *Marilu Martens Oliveira*, norteadora e porto seguro para os rumos desse Produto, cujo objetivo principal é oferecer um manual com dupla possibilidade de uso: a primeira, de maneira autônoma e individual; a segunda, que possa ser compartilhada em formato de oficina, capacitação, minicurso e outros, mas sempre em consonância com os anseios de docentes e mediadores de leitura, que comungam da mesma premissa: Como fazer de uma história uma verdadeira ferramenta de encantamento literário? Trilha-se, portanto, o caminho do reconhecimento da grande demanda por modelos eficientes de compartilhar histórias e a valorização de leitores hábeis e ativos, sujeitos que difundem a literatura não apenas em espaços escolares, mas também



em bibliotecas, livrarias e os mais variados locais que possibilitem a apreciação de livros literários.

Logo, este *Produto Educacional* é um convite para se ir além da simples leitura, pois foca uma arte milenar que resiste mesmo ao avanço das tecnologias e ao imediatismo de informações que as telas e redes sociais trazem. Acessível não apenas professores, mas também bibliotecários, multiplicadores, pais, entre outros, que reconhecem a importância da leitura e desejam imergir no universo da *contação de histórias*.

Para ratificar os objetivos do **Manual...**, este contempla e difunde técnicas de contação de histórias, bebe em fontes valiosíssimas do teatro e da oralidade, além de almejar dar vida aos textos por meio da expressão corporal e da entonação da voz e habilidades que corroboram na aquisição de saberes e conhecimento de mundo a partir da escuta e de uma formação humanística.

Obrigado por estar aqui. Boa leitura, boa performance.



2 DA LEITURA AO IÇAR DAS CORTINAS: O MANUAL

Este **Manual performático para contação de histórias** tem caráter democrático, seu público-alvo não é restritivo: bibliotecários, livreiros, professores, pais e multiplicadores devem assumir seus protagonismos quando o assunto for capacitar-se e aprender técnicas de contação de histórias, desenvolvendo habilidades para ampliar o uso da oralidade e efetivar o letramento literário de seu público-ouvinte.

Entender a contação de histórias é estar ciente de que a formação humana e social é indissociável da aquisição de saber, a partir da escuta. Uma criança, antes de falar, já nasce apta a ouvir, desconsiderando particularidades biológicas. Partindo desse pressuposto, constata-se que o aprendizado do mundo materializa-se sobretudo pela voz, instrumento precioso e milenar, que registra a memória e os saberes dos mais variados povos por milênios. Portanto, Quintiliano (2007) reforça que é importante lançar um olhar para os rapsodos da Grécia Antiga e aos sábios anciões do Egito, pois confluem na valorização da Oratória, em que a voz, a repetição e a declamação são fundamentais na formação de uma sociedade.

Os rapsodos eram artistas nômades, que, nas terras gregas, iam de povoado em povoado, colhendo repertórios e entoando-os, ratificando a tradicionalidade do povo. Forin (2017) assevera também que esses sujeitos itinerantes traziam em suas vozes narrativas homéricas, canções líricas e excertos de tragédias. Todavia, tinham como grande característica não só a mera reprodução, mas a seleção, sempre inédita, de fragmentos e ordens aleatórias, que se alternavam de acordo com a performance do rapsodo.

Outro uso da palavra falada está no Egito, sendo preciso voltar ao Século XXVII a.C. - marco temporal - no qual se encontram as figuras dos primeiros anciões que detinham os preceitos morais e comportamentais rigorosamente harmonizados e com as estruturas e as convivências sociais. Nesse cenário, ressalta-se que a escrita e a leitura eram restritas às classes dominantes, mas com as peculiaridadesprovidas do uso da voz como instrumento de acesso à informação para aqueles que detinham



privilégios sociais mas não eram letrados, garantido a difusão do conhecimento pela fala e repetição:



Não se vê, porém, se e até que ponto a aprendizagem do meio técnico e formal da escrita, e da leitura do que foi escrito, faz parte integrante deste processo ou se de algum modo o precede ou fica fora dele: o vizir escreveu, mas isto poderia significar também que ditou a um seu escriba; os filhos o recitam, mas isto poderia acontecer também não através da leitura direta, mas através da repetição de uma leitura feita por outros. De fato, se é possível que os notáveis de algum modo soubessem ler e escrever, é ainda mais provável que os peritos nestas técnicas, extremamente complicadas naquela época, fossem outros, que as exerciam profissionalmente (Manacorda, 2018 p.10).

Logo, nesse viés, Forin (2017) também nos esclarece que “não é exagerado dizer que os poetas ancestrais organizavam suas récitas de acordo com os interlocutores”. É, portanto, valioso observar um ponto de convergência dos rapsodos e anciões, posto que “para controlar a memória coletiva da sociedade, eles tinham que estabelecer um controle sobre as memórias individuais dos seres humanos” (Havelock, 2016).


Desse apanhado histórico, institui-se o que se convém chamar de Literatura Oral, ou tradição oral, ou seja, a voz trazia consigo uma carga histórica, valores de um povo, regras de convivência, moldes legislativos e éticos. Portanto, não apenas entretenimento, mas uma carga valorosa de preceitos de um povo. Nessa ótica, constrói-se um repertório social a partir da oralidade, cujo desdobramento, nos dias de hoje, resulta na formação do leitor a partir do contato com a literatura. Num primeiro momento, sobre experiências adquiridas por repertório oral apresentado e selecionado, quer seja por um contador de história, ou outros mediadores (pais, bibliotecários, livreiros, professores, amigos...). Assim, esse seria o motivo pelo qual a arte milenar de contar histórias tem grande importância até hoje, no século XXI, pois se trata de uma arte capaz de expandir o horizonte de expectativa dos ouvintes.

A formação de performadores é indissociável da formação de um leitor ativo que cativa a partir de suas narrativas. É preciso gostar de ler para formar apreciadores da leitura, ou seja, ser um contador de histórias estudioso da literatura e seus elementos acessórios. Logo, para ser um efetivo *hablador* (aqui remetendo à obra de Vargas Llosa), sobretudo no





contexto educacional, emerge a necessidade do professor ser mais que um facilitador do acesso à leitura, ou seja, um encantador e contador de histórias.




Nesse viés, é preciso ser criativo e dinâmico para que, ao ler e proferir palavras, essas sejam agentes transformadores no imaginário do ouvinte. Dessa forma, Segundo Roland Barthes (2013), “O real não é representável, e é porque os homens querem constantemente representá-lo por palavras que há uma história da Literatura”. Muito se questiona: quais recursos podem ser utilizados como meio de aproximar o aluno da literatura ou como despertar seu interesse por ela?

Portanto, este produto educacional é resultado dessa inquietação tão comum entre docentes. Insiste-se ainda em como contribuir, dando suporte ao professor da rede básica de educação, com carga horária de 40 horas semanais, no intuito de conseguir conciliar atividades rotineiras com o desenvolver-se como contador de história, visto que sua jornada de trabalho, por si só, já é bastante exaustiva?

Logo, o fulcro deste produto educacional é, então, possibilitar a capacitação de docentes quanto às técnicas de contação de histórias, instigando-os a novos desafios e múltiplas habilidades necessárias para ampliar o uso da oralidade no espaço escolar e, em decorrência, efetivar o letramento literário dos alunos. Quanto a isso, Regina Zilberman (2003 p. 3) postula que ele “se efetiva quando acontece o relacionamento entre um objeto material, o livro, e aquele universo ficcional, que se expressa por meio de gêneros específicos – a narrativa e a poesia, entre outros – a que o ser humano tem acesso graças à audição e à leitura”.

A seguir, será apresentado, em tópicos, um passo a passo norteador para a contação de histórias. Desejamos ampliar as habilidades dos docentes no intuito de seduzir e motivar os ouvintes para a leitura e a literatura e para as propostas contidas nesse Manual.

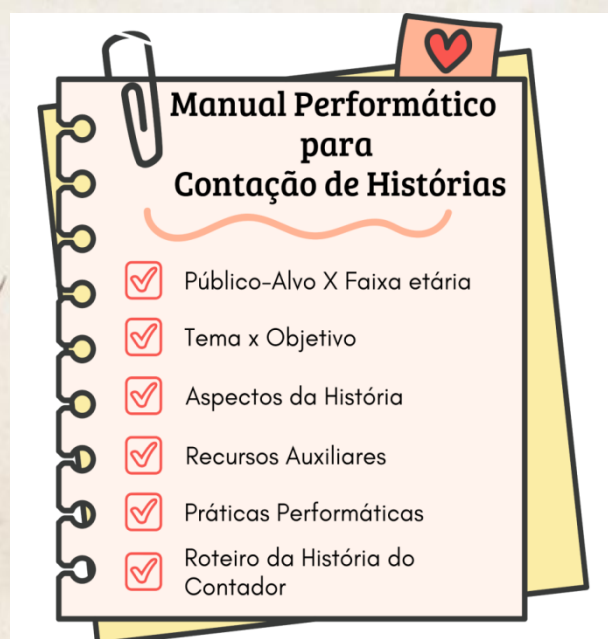


2.1 Script: Imersão teórico-prática

Como já mencionado, o **Manual...** está subdividido em tópicos para facilitar a compreensão e o desenvolvimento das aptidões básicas para o sucesso de uma contação de histórias com clareza e fácil visualização. Várias etapas deverão ser consideradas na preparação da narrativa e do ato performático, propriamente dito. O ineditismo e a pertinência deste **Manual...** estão justamente em trazer, de maneira sucinta e objetiva, aprendizado e reflexões.

O Produto Educacional segue a mesma lógica da Contação de Histórias: é flexível e adaptável. Está condicionado à disponibilidade de tempo, quantidade de público e vivências do usuário. Há etapas que contemplam leitura e formação de repertório, vivências, práticas e elaboração de recursos adjacentes às histórias. Assim, relevâncias pré-textuais, dicas para seleção de repertório frente a objetivos e temas, práticas performáticas e recursos cênicos compõem as etapas que serão apresentadas na sequência. O **Manual...** também disponibiliza uma ficha denominada “roteiro da história e do contador”, maneira sucinta e facilitadora de entendimento e prática na contação.

Figura 1 -índice ilustrativo do **Manual...**



Fonte: elaboração do pesquisador.

2.1.1 Público Alvo x Faixa etária

Contar uma história tem sempre um objetivo intrínseco. Ainda que este seja apenas entretenimento e ludicidade, há um propósito nas entrelinhas. Para tanto, antes de elencar e eleger um objetivo e um tema a serem explorados, é primordial saber a idade média do público majoritário, respeitando a maturidade, para que a história seja bem recebida por todos, principalmente quando houver intervalo etário severo. A seguir, apresenta-se uma breve classificação, conforme Nelly Novaes Coelho (2000 p.32-41) e Vânia Dohme (2000), que norteia o perfil do público e trata dos estágios psicológicos da criança, bem como são apresentadas sugestões de leituras compatíveis com a idade dos ouvintes. Ressalte-se que são sugestões, pois a maturidade literária de cada leitor independe de sua maturidade etária.

Até 3 anos –Coelho (2000), define os sujeitos da categoria inicial em **pré-leitores** e a divide em duas fases. A legislação brasileira, abrange os 6 primeiros anos da criança, definidos pelo art. 2º da Lei nº 13.257, de 18 de março de 2016, que estipula as diretrizes para a formulação e a implementação de políticas públicas, contudo, são nos 3 primeiros anos (primeira fase) que acontece a descoberta do mundo pelos sentidos: tato, visão e audição. Por isso o enredo está em segundo plano e, histórias com bichos, brinquedos, animais com características humanas (fala, uso de roupas), repetições e formações silábicas são as mais funcionais.

Sugestões de leitura

O livro sugerido para essa faixa etária é **Vai embora, grande monstro verde**, do escritor e ilustrador norte-americano Ed Emberley (2009). No Brasil, o livro é editado pela Editora Brinque-Book e traduzido por Gilda de Aquino, profissional responsável por verter outros destacados títulos infantis para o idioma português. A obra possui páginas interativas que revelam o monstro verde gradualmente e, em seguida, vai desconstruindo-o, ajudando no desenvolvimento dos pequenos ouvintes, além de diminuir o medo pelos monstros.

Outra leitura indicada é **Eu sou a monstra**, um poema escrito por Hilda Hilst (1988) e que questiona o que viria realmente ser a monstra, quando, na verdade, a personagem pode ser o que quiser. O livro foi reeditado pela Companhia de Letrinhas, em 2021, e ilustrado por Ixchel Estrada.

Figura 2– Sugestões de leituras para leitores até 3 anos



Fonte: Acervo do autor, 2025

De 3 a 6 anos - Na segunda metade da primeira infância (segunda fase), há o que chamamos de *realismo imaginário*. Nesta fase, a criança não distingue o real do inventado, sendo que objetos e animais podem falar e expressar sentimentos. Coelho (2000) assevera que nesse período há predominância de valores vitais, como saúde, e sensoriais como carências físicas e emocionais. Por exemplo, é importante frisar que, para Warnock (1976 *apud* Girardello, 2011), as crianças podem aprender a olhar e ouvir e a consequência será a emoção imaginativa. Então, história com fantasias, crianças como personagens, fatos repetitivos são funcionais nessa faixa etária.

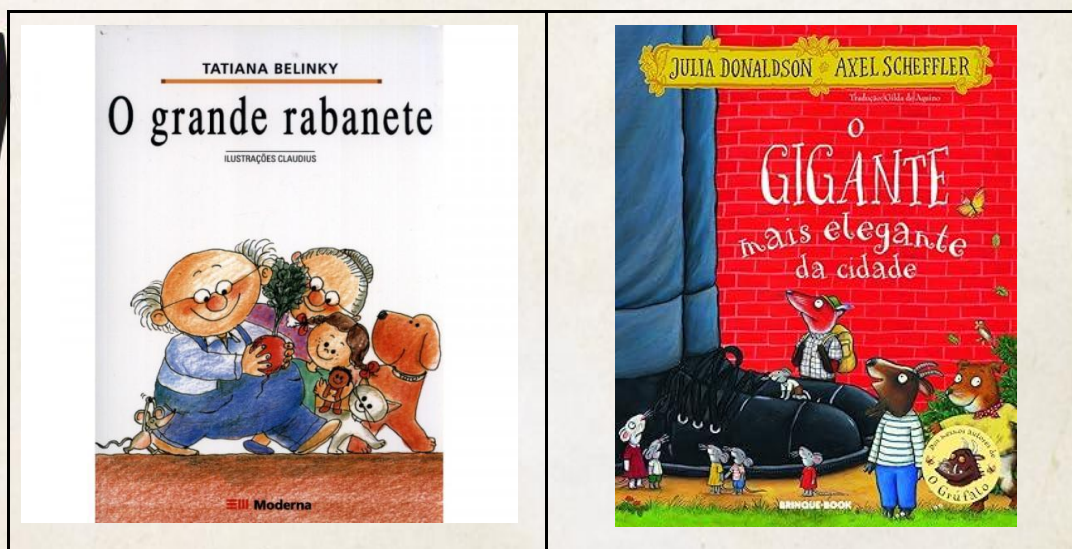
Sugestão de leitura

O Grande Rabanete, de Tatiana Belinky (1990) e ilustrações de Claudius, impresso pela editora Moderna, apresenta uma história recorrente: tentar colher um rabanete muito grande a partir de uma torrente de fatos repetitivos e gradativos, formando a união de força entre pessoas e animais. A construção do enredo desse livro é facilmente assimilada e

permite aos ouvintes participarem do ato narrativo, pois toda vez que chega um personagem novo para ajudar na colheita, todos os personagens já mencionados são citados novamente (O vovô chamou a vovó. O vovô chamou a vovó, que chamou a netinha e assim sucessivamente). O público é estimulado a memorizar a ordem dos fatos narrativos. Ressaltamos que as crianças gostam de repetições: isso lhes traz segurança, pois sabem qual será o final.

O gigante mais elegante da cidade conta a história de Jorge, um simpático gigante, que resolve mudar de estilo, mas acaba perdendo suas roupas novas, pois vai ajudando a todos que estão em apuros e cruzam seu caminho. Trata-se de um personagem gentil e agradável, criado por Julia Donaldson, ilustrado por Axel Scheffler e traduzido por Gilda de Aquino sob o selo da editora Brinque-Book.

Figura 3- Sugestões de livros para faixa etária de 3 a 6 anos



Fonte: Acervo do autor, 2025

6 a 9 anos - Este período compreende a alfabetização escolar, portanto, de maneira gradual e por fases, as crianças iniciam o processo de leitura e escrita – **leitor iniciante (6/7 anos)** – cuja consequência coincide em buscar o sentido e o significado das coisas, uma vez que o início dessa fase abarca o reconhecimento de signos e a formação de palavras. O **leitor em processo (8/9 anos)**, então, já possui o domínio dos mecanismos de leitura e há a confluência entre a imagem do livro e o texto. Para Vânia

Dohme (2000), temas como aventuras, no ambiente conhecido (a escola, o bairro, a família etc.) ou ambientes longínquos (selva, Oriente, fundo do mar, outros planetas); histórias de fadas e fábulas que tenham uma abordagem da fantasia de forma mais elaborada; histórias humorísticas e narrativas de viagens, explorações e invenções são as temáticas que mais cativam este público.



Sugestões de leitura

Para esta faixa etária, também **chamada de transitória** entre a infância inocente e a pré - adolescência, é importante apresentar títulos que tratem da formação de caráter e valores sociais. O livro **Bom dia todas as cores** foi publicado, pela primeira vez, em 1985. A autora, Ruth Rocha, teve sua obra reeditada várias vezes, sendo a última pela editora Salamandra com ilustrações de Madalena Elek, e apresenta de maneira atrativa a formação de caráter a partir da troca de cores do camaleão. Esse não tem opinião própria e muda de cor para agradar aos amigos, até que, finalmente, o pequeno réptil decide tomar decisões por conta própria.

Eva Furnari (2011) é outra autora que, assim como Ruth Rocha, faz uso de rimas, brinca com imagens e palavras para contar histórias em seus livros. Em **Não confunda**, apresenta um enredo que mescla os sentidos conotativos e denotativos do texto. Publicada pela editora Moderna, a obra traz ilustrações da própria autora.

Figura 4 - Sugestões de leitura para faixa etária de 7 a 9 anos.



Fonte: Acervo do autor, 2025



10 anos em diante: Essa fase também compreende duas classes de leitores. Na primeira está o **leitor-fluente (10/11 anos)**, capaz de executar uma leitura reflexiva, sem perder a concentração e o aprofundamento nas questões do mundo. Esse comportamento marca a fase da pré-adolescência e, por isso, é relevante citar que há um marco temporal e legislativo nesta faixa etária. O **Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (1990)** aponta que corresponde à pré-adolescência o período de quase 11 ou até 12 anos incompletos, ainda que o artigo 2 dessa legislação, defina que antes dos 12 anos o ser humano é considerado criança. Há um entendimento de que a transição escolar, do 5º para o 6º ano, implica não apenas mera passagem anual, mas também há a troca da escola pelo colégio, ou seja, o aluno deixa de estar entre os mais velhos da escola e volta a pertencer à turma dos menores. Forma-se então o **leitor-crítico (12/13 anos)**, que, consideradas as evoluções cognitivas, é capaz de pensar o seu papel no mundo a partir de inferências e reflexões complexas. Nessa fase, narrativas de viagens, explorações e invenções ganham espaço e poderão, inclusive, fomentar o perfil de literatura que será consumida e preferida nas fases adolescente e adulta.

Para adolescentes, o livro **Pote Vazio**, da escritora e ilustradora Demi (1990), publicado pela editora Martins Fontes, é indicado para todas as idades. Possui um elemento surpresa no seu final e contribui para a percepção da importância de se falar a verdade. É uma obra bem acolhida pelos mais variados públicos, podendo, inclusive, ser facilmente contada para faixas etárias menores e também para adultos. Por conseguinte, sua interpretação dependerá da maturidade etária e literária do leitor.

Seguindo a proposta de livros para as mais variadas idades, **A parte que falta**, do escritor e ilustrador Shel Silverstein (2018), com tradução de Alípio Correia e publicado no Brasil pela Companhia das Letrinhas, possui uma narrativa singela e potente, tocando em assuntos como completude e pertencimento.



figura 5 -Sugestões de leitura para jovens acima dos 11 anos





Fonte: acervo do pesquisador.

2.1.2 Objetivo x Tema

Um texto literário pode tratar de uma infinidade de **temas**, tais como humor, senso crítico, disciplina, raciocínio, imaginação, coragem, honestidade, lealdade, amizade, justiça, caráter, conforme Dohme (2000, p.19). Por isso, antes mesmo de escolher um tema, é importante delimitar o objetivo na contação de história. Frisa-se que tema e objetivo são diretrizes diferentes. O tema vai contemplar a pauta que será incentivada a ser discutida bem como reflexões, enquanto que o objetivo tratará do propósito com a história, convergindo com as pretensões do contador de história e os anseios do público. No espaço escolar, por exemplo, ao eleger determinada história, o objetivo poderá confluir com vivências reais do cotidiano e valores essenciais ao convívio social. Nessa perspectiva, a história é delineada por um tema, que instrumentaliza o contador para que atinja o objetivo almejado. Os **objetivos** então podem ser variáveis como: mitigar dificuldades, mediar conflitos, propor novos ensinamentos.

Um exemplo prático da diferença entre tema e objetivo pode ser vista em **Bom dia todas as cores**, de Ruth Rocha (ano). O camaleão, personagem principal, é bastante influenciado por outros animais da floresta a mudar de cor, assim, o tema nesse livro poderia ser *aprender a ter opinião própria*, objetivando contribuir para que os alunos aprendam a dizer não quando se sentirem desconfortáveis com pedidos feitos por terceiros. A citação a seguir ilustra a situação:


Eu uso as cores que gosto, e isso eu faço bem
eu gosto do bom conselho
mas faço o que me convém
quem não agrada a si mesmo,
não pode agradar ninguém (Rocha, 2013, p.30).



Ressalte-se que ao se referir ao tema, esta seleção está vinculada ao enredo, mas também pode contemplar espaço, tempo, ambiente escolar e cotidiano, questões ambientais e de gênero, questões históricas e sociais, religiosidade, políticas públicas etc. Há uma infinidade de possibilidades que devem ser consideradas, por isso estes dois tópicos iniciam a seleção da obra: a maturidade intelectual e o objetivo da história.





2.1.3 Observando a história: aspectos relevantes



É preciso gostar da narrativa. A neurociência explica que falamos com maior facilidade de assuntos dos quais gostamos mais. Ler e reler inúmeras vezes faz com que o sujeito se aproprie literalmente daquele texto. Cada leitura é única, bem como cada história contada é um universo que se revela, sempre inédito. A interação com o público, o espaço e até o horário em que a narrativa é contada trarão algo único e particular, ainda que ela já tenha sido contada inúmeras vezes pela mesma pessoa. Logo, dominar aspectos relevantes como personagens, espaço, tempo e mensagem são fundamentais para que seja ouvida e assimilada pelos ouvintes.

2.1.4 Preparando a história- as 4 etapas:

1ª etapa: ao tratar da estética da recepção, Regina Zilberman (2010) parte do horizonte de expectativa do aluno, para despertar o seu interesse pela história. Portanto, o contexto introdutório ao texto é tão importante quanto o corpo da narrativa, com ela se estabelecendo elos, desenvolvendo o enredo, até chegar ao clímax e, por fim, ao desfecho.

“DICA”

Desenvolva uma acolhida padrão para motivar a narrativa. Música, brincadeira, dança, repetição, slides, vídeos, cartazes, máscaras, entre outros, são ferramentas que ajudam a cativar o público e a manter a atenção dele.

PRÁTICA 1 – Pode ser utilizada em capacitação para formação de outros contadores de histórias ou com alunos / espectadores.

Ao final da prática, volte a este espaço e descreva se suas expectativas, ao iniciá-la, foram atendidas; se a atividade ressignificou suas vivências e quais resultados lhe trouxe.

Utilize o espaço a seguir para transcrever uma **cantiga de roda** que lembre sua primeira infância. A memória afetiva ajuda a dar vazão às emoções contidas nas histórias. **Crie** uma história a partir da cantiga transcrita. **Rimas** fortalecem a memorização e a repetição, assim como **palmas sincronizadas** imprimem ritmo e dinamismo à narrativa.

Teste com seu público e vá observando a adesão da platéia.

Quadro 1 – Atividade prática número 1

Transcreva aqui uma **cantiga de roda** de sua preferência e, se houver autor, citá-lo.

Fonte: autor ,2025.



Quadro 2 – Sugestões de cantigas de roda

- 1) Ciranda, cirandinha
- 2) Escravos de Jó
- 3) Capelinha de Melão
- 4) Atirei o pau no gato
- 5) Borboletinha

Fonte: Cantigas de roda elencadas pelo pesquisador, 2025



2ª etapa: A segunda etapa contempla o formato da contação de histórias, ou seja, um ato performático, com elementos teatrais. Elaborar o formato da apresentação tem suma importância, uma vez que muitos são os formatos possíveis, transitando entre performances mais informais, podendo inclusive recorrer à leitura do texto, e ações mais complexas e elaboradas, com cenário e recursos auxiliares (figurino, sonoplastia, instrumentos musicais).

Sobre performance: ela é o compromisso de envolver o público, por parte de quem a faz, assumindo-se a responsabilidade pela maneira com que a comunicação se dá, para além do seu conteúdo referencial. É a ação, a atuação dramatizada (drama/ação no sentido teatral).

Seu mote deverá ser chamar a atenção, propondo o aumento da consciência do seu ato de expressar-se, permitindo ao público assistir com intensidade especial o ato performático (Bauman, 1975).

PRÁTICA 2– Performar para encantar – Pode ser realizada como dinâmica de grupo ou preparada individualmente para apresentação a um público específico.

Ao final da prática, volte a este espaço e descreva se suas expectativas ao iniciá-la foram atendidas, se a atividade ressignificou suas vivências e quais são os resultados.



Quadro 3 - Atividade da prática número 2


Performance é treino e repetição, aperfeiçoamento.

Crie uma coreografia para a cantiga de roda eleita na 1ª etapa. Grave a apresentação. Faça adaptações, abuse dos gestos e da expressão corporal. Dê vida ao movimento. Ponha isso em prática antes de iniciar a história.

Lembre-se: filie-a ao público-alvo para que faça jus aos objetivos.

Fonte: Autor, 2025.

3ª etapa: Existem questões que permeiam e vão além do ato narrativo, mas que estão estreitamente ligadas ao êxito performático. No cotidiano escolar, por exemplo, muitas são as variáveis que podem interferir na contação de história. É fundamental ter ciência das demandas numeradas a seguir:



PRÁTICA 3 – Pode ser realizada em grupo, numa capacitação para formação de outros contadores de histórias, ou individualmente ao eleger uma história a ser contada.

Ao final da prática, volte a este espaço e descreva se suas expectativas ao iniciá-la foram atendidas, se a atividade ressignificou suas vivências e quais foram os resultados

Quadro 4 – Questionário da 3ª etapa

- 1) Qual o espaço e também o tempo para contar a história?
- 2) O local é fechado ou aberto?
- 3) Qual o número de espectadores?
- 4) Quão diverso são esses espectadores (idade, condições

socioeconômicas e intelectuais etc.).

Fonte: Autor, 2025

Quadro 5 – Atividade da prática número 3

Imagine o seguinte cenário, hipoteticamente: uma professora da rede municipal de educação de certa cidade, do terceiro ano do Ensino Fundamental anos iniciais, tem como hábito, dentro da rotina escolar, contar histórias para sua turma duas vezes na semana. As crianças gostam muito e ficam ansiosas por este momento, popularmente conhecido como “A Hora do Conto”. O sucesso é tão grande que a equipe pedagógica a convida a fazer uma apresentação para a escola toda, no pátio, no horário de intervalo. Ela seleciona um dos livros que a turma mais gosta, porém não tem o mesmo impacto ao ser contada para todos os alunos da instituição.

O que pode ter dado errado?

Fonte: Cantigas de Roda elencadas autor (2025).

Os motivos pelos quais a Contação pode ter falhado, por assim dizer, é porque provavelmente algumas das perguntas que iniciam este tópico não tenham sido consideradas. Local fora dos habituais, quantidade de público, faixa etária e tempo para apresentação interferem diretamente no resultado. Para esta professora a sala de aula, com os alunos de sua turma, acostumados a ouvi-la regularmente, de maneira imperceptível, colocou-a em uma zona de conforto que o pedido da equipe pedagógica a tirou. Por isso, é importante pensar em estratégias específicas nessa etapa. A seguir são apresentadas adversidades e sugestões de tomada de decisão.



Quadro 6 – Adversidade e sugestões de tomada de decisão

Timidez: incorporar um personagem ao contar história ajuda a inibir a timidez, assim como o uso de acessórios (chapéu, avental, capa) contribui para a elaboração do personagem e também permite aos participantes entenderem que aquele é um momento para desfrutarem da encenação.

Interrupções e barulhos: use-os a seu favor. Dê voz ao espectador que resolver lhe interromper. Incorpore à história sons e ruídos como o barulho do carro do gás, o apito do sorveteiro, o chamado do vendedor de pamonha, por exemplo.

Horário: assim, formar leitor exige que você também seja um bom leitor e esteja atento a inúmeros detalhes. Estudar a obra, conhecer o autor, a ilustração, o contexto histórico são ferramentas triviais para o pleno domínio da narrativa e garantem a adaptação ao horário de execução da contação. É importante gostar da obra, lê-la várias vezes e pesquisá-la teoricamente, pois tudo isso colabora na redução ou aumento do tempo da contação, de acordo com a necessidade.

Humor: o riso ajuda a descontrair, a quebrar o gelo e à superação da timidez, pelo narrador, inclusive se ele esquecer falas ou partes da história. Também a plateia se sente mais predisposta, rindo, a conectar-se com a narrativa.

Improvisação: toda adversidade precisa ser entendida e revertida como item que contribua para a continuação da história.

Fonte: Autor, 2025.

4ª etapa: quais os recursos auxiliares?

Recursos auxiliares são elementos utilizados para contar histórias específicas ou para a criação de um personagem narrador da história. A tabela a seguir apresenta os principais recursos, aplicabilidade e sugestões de uso.

Quadro 7 - Recursos auxiliares

RECURSO	APLICABILIDADE	SUGESTÃO
Fantoches e bonecos.	Podem ser personagens das histórias ou narradores.	Utilizar um fantoche ou um boneco estratégico para contar diferentes histórias.
Tapetes e aventais	Criam o cenário da história.	Normalmente limitam-se a uma ou poucas histórias. Histórias autorais ou cenários comuns como florestas e vilarejos têm maiores chances de funcionar em mais

		narrativas.
Músicas e instrumentos musicais	Favorecem a iniciação da contação de história. Imitar sons variados e dar ritmo à contação.	Narrativas de cordel, cantigas com rimas.
Gravuras e fotografias	Assim como a ilustração do livro, colaboram na formação imagética do que está sendo narrado.	O uso de imagens digitais pode reduzir custos.
Objetos cênicos	Flores, brinquedos, móveis, bancos, podem compor a cena e dar realidade à história.	Os objetos reais podem criar outros significados: uma vassoura pode virar um meio de transporte, por exemplo.
Chapéu, máscaras ou fantasias simples	Criar um personagem contador de história traz identidade ao contador: ter um	Como em um passe de mágica, ao colocar um chapéu, máscara ou



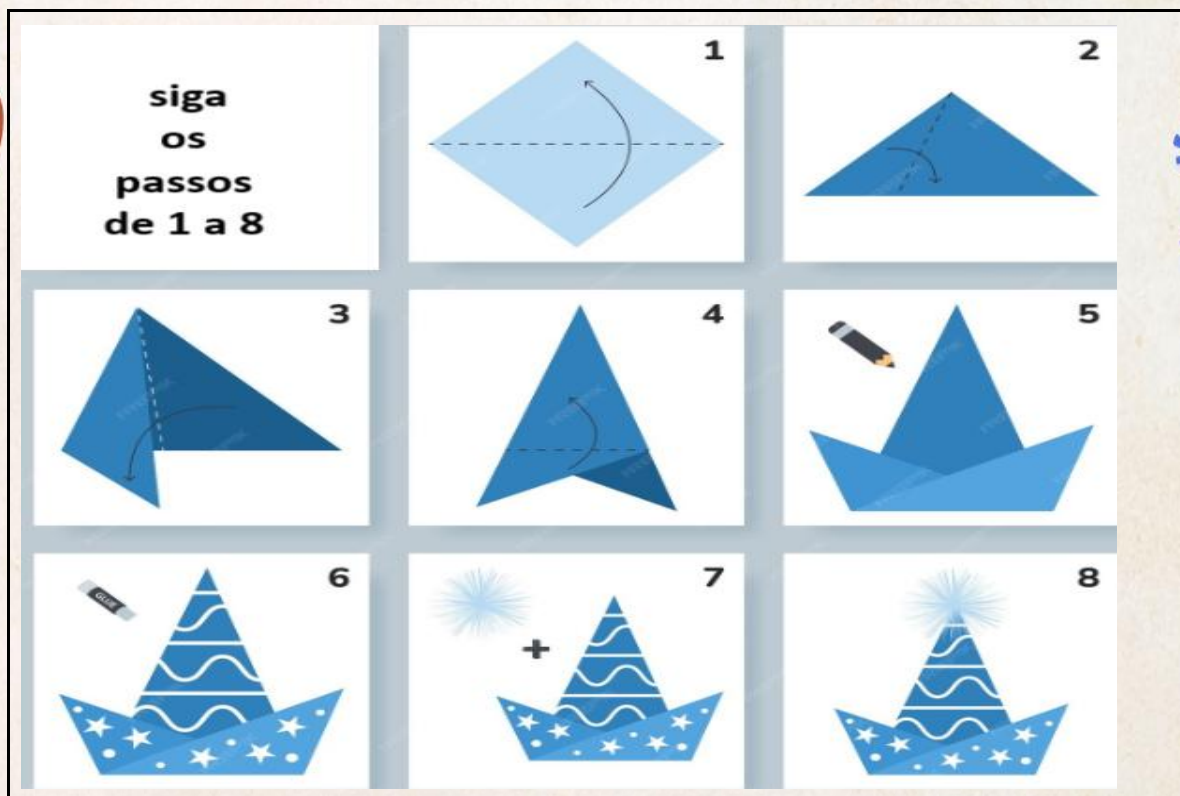
	nome, um sotaque na fala, modo de andar, contribuem para a formação da personalidade.	fantasia, os ouvintes entendem que é hora da história e preparam-se para ouvir.
Caixas, malas e baús.	Podem guardar todos os recursos auxiliares. Proporcionam uma atmosfera e ambientação.	Personalizar este tipo de objeto: colagens, fitas, adesivos dão exclusividade a este recurso.

Fonte: Autor 2025.

PRÁTICA 5 – A confecção do chapéu de papel e outros recursos cênicos podem ser realizados como dinâmica de grupo ou individualmente, de acordo com a subjetividade do contador de história.

Ao final da prática, volte neste espaço e descreva se suas expectativas ao iniciá-la foram atendidas, se a atividade ressignificou suas vivências e resultados obtidos.

Figura 6 – Passo a passo para elaboração de um chapéu



Fonte: https://br.freepik.com/vetores-premium/tutorial-de-esquema-de-origami-de-chapeu-magico-movendo-modelo-origami-para-criancas-passo-a-passo_82019398.htm?log-in=google, 2025.

2.1.5 Performance: o corpo em (encena)ção.

O termo *performance*, no sentido de encenação, é indissociável da linguagem teatral. Essa linguagem é capaz de aproximar o espectador da trama, envolvendo-o. Encenar traz materialidade à ação e, por consequência, desperta no espectador a sensação de pertencimento, corroborando com a tessitura da história. Neste contexto, *performance* está posta como *mise-en-scène*. Aristóteles (2008) nos lembra que se trata de expor o mundo real em um tempo presente, validando essa realidade, ou seja, é o chamado *ilusionismo*: o espectador mergulha na trama, adequando-se à contação, principalmente quando a plateia é composta por crianças mais novas. Já o recurso do *distanciamento*, preconizado pelo teatro épico brechtiano, leva à reflexão, produzindo melhor o efeito com um

público mais maduro. O teatro tem uma linguagem própria, porém, ao considerar o corpo em ação, é importante considerar a voz, o corpo (expressão corporal) e elementos externos.

Voz: É o recurso mais importante de um contador de histórias. Ainda que haja outros recursos disponíveis, a voz é seu instrumento principal. Analogamente, se um contador de histórias fosse um bombeiro, a voz seria a água.

A seguir, são listadas as características mais relevantes no uso da voz.

Tabela 1 – Características da voz

Características	Descrição e aplicabilidade
Dicção	A boa pronúncia das palavras ajuda no entendimento do ouvinte; palavras mais simples são mais compreendidas e audíveis.
Volume	O tom da voz é cênico. Falar gritando pode sugerir uma tensão na história, enquanto que um sussurro pode insinuar um segredo.
Velocidade	O ritmo pode imprimir movimento, em uma história. Contar um fato aceleradamente dá a impressão de velocidade e rapidez.
Tonalidade	O tom da voz em um diálogo sugere rispidez, ternura,



	alegria, temor.
3 vozes	Toda pessoa pode usar o recurso das três vozes: a voz normal, a voz aguda e a voz grave. Treinar as variações da voz ajuda a dublar personagens, fantoches etc.

Fonte: Autor, 2025.

Corpo: expressão corporal, semblante, imitações, silêncio.

Garcia (2008) propõe uma reflexão sobre diferentes recursos, contemplando técnica, disciplina, educação e concretude de um processo humanizador que direciona temas para valores - no sentido de compreender o mundo e o universo das significações - almejando qualidades que direcionam e transformam os aspectos que melhoram o ser humano como ser pensante, justo e generoso.

Na Contação de Histórias, o corpo é expresso pelo próprio corpo, contemplando aspectos básicos como sentir, perceber, impulsionar, ordenar e conscientizar pela percepção de aspectos físicos. Ele condensa manifestações emocionais e ideias. O objetivo é apresentar subjetividade, por meio da ação corporal: raiva, rapidez, postura, são exemplos do que o corpo em ação é capaz de expor para além do recurso da voz.

Elementos externos: a plateia. Além dos recursos auxiliares já apresentados, soma-se, neste tópico, o elemento plateia. Dar voz e protagonismo aos espectadores são elementos somativos à performance do contador de história e não empecilhos ou obstáculos a serem vencidos. Crianças inquietas e barulhos externos (como carro de som na rua) são muitas vezes impossíveis de serem evitados e precisam ser incorporados à história pelo viés do improviso, diminuindo o desgaste e a distração do público.

PRÁTICA 5 – Funciona melhor coletivamente, em dinâmicas de grupos ou em roda de conversa. Individualmente, sugere-se treinar a tonicidade da voz (aguda/grave) e o timbre.

Ao final da prática, volte a este espaço e descreva se suas expectativas ao iniciá-la foram atendidas, se a atividade ressignificou suas vivências e quais os resultados obtidos.

Quadro 8 – Atividade prática número 5

1) Escolha um dos ditados populares a seguir:

- a) () Deus ajuda quem cedo madruga
- b) () Antes só do que mal acompanhado
- c) () Em casa de ferreiro, o espeto é de pau
- d) () Quem com ferro fere, com ferro será ferido
- e) () Quem tem boca vai à Roma

2) Escolha uma das emoções abaixo:

- a) () Euforia
- b) () Raiva
- c) () Medo
- d) () Sonolência
- e) () Angústia

3) Escolha um dos três tipos de voz:

- a) () Aguda
- b) () Grave
- c) () Normal

Após a seleção, faça o seguinte exercício oral: declame o *ditado popular* selecionado, com a expressão desejada e com o tipo de voz escolhido. Faça diferentes combinações para aprimorar o uso da voz.

3 ÚLTIMAS PALAVRAS

O quadro a seguir orienta o contador de história, resumidamente, com elementos pertinentes à elaboração de sua performance narrativa, mitigando dificuldades e facilitando a elaboração da narrativa, reflexões sobre ela, familiaridade com o autor, o ilustrador e a editora do livro eleito. Em um primeiro momento, esses são itens relevantes, que ajudam a criar a identidade visual do trabalho. As demais observações dão praticidade e contribuem para um olhar mais apurado, técnico, atento a elementos que tornam a contação de história única e inesquecível.

Tabela 2 - Roteiro da História e do Contador



Roteiro da História e do Contador	
Dados técnicos (título do livro, autor, ilustrador e tradutor, editora e edição).	
Abordagem performática (como filiar a história ao meu estilo individual?)	
Performance (voz, expressão corporal, figurinos, acessórios, recursos auxiliares que serão utilizados, como tapetes, fantoches, sonoplastia etc.)!	
Em quais contextos posso utilizar a história eleita?	
Tema e objetivo	
Público-alvo (faixa etária e número de pessoas)	

Duração da história (tempo)	
Motivação e acolhida (introdução à história)	
Espaço (local da performance).	

Fonte: Autor, 2025.

As narrativas literárias permanecem e resistem ao avanço das tecnologias e ao uso demasiado de telas, por usuários cada vez mais jovens. As apreciações dos livros e da leitura acontecem muito graças ao encantamento que a contação de história proporciona e à necessidade de fabular que o ser humano tem. O ato performático rompe com as barreiras do imaginário e transporta o espectador para o mundo que se apresenta a partir da sua voz. Espera-se que este **Manual...** seja uma ferramenta para auxiliar a provocar os mais variados sentimentos que a literatura é capaz de despertar em ouvintes e leitores, seduzindo-os, além de divulgar a arte da palavra.





REFERÊNCIAS E OBRAS INDICADAS

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução: Ana Maria Valente. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

BARTHES, Roland. **Aula**. Tradução: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2013.

BAUMAN, Richard. **Verbalart performance**. American Anthropologist, Illinois: Waveland Press, 1975.

BELINKY, Tatiana. **O grande rabanete**. São Paulo: Moderna, 1990.

BENJAMIN, Walter. **O contador de histórias e outros textos**. Tradução: Georg Otte, Marcelo Backes, Patrícia Lavelle. 2. ed. São Paulo: Hedra, 2020.

BOAL, Augusto. **200 Exercícios e jogos para o ator e o não-ator com vontade de dizer algo através do texto**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 10. ed., 1991.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar**: pequenos segredos da narrativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

COELHO, Betty. **Contar histórias**: uma arte sem idade. São Paulo: Ática, 1998.



COSTA, Edil Silva. O contador de histórias tradicionais: velhas e novas formas de narrar. In: MEDEIROS, Fabio Henrique Nunes; MORAES, Taiza Mara Rale. **Contação de histórias**: tradição, poéticas e interfaces. São Paulo: Edições SESC. São Paulo, 2015. p. 29-38.

DEMI. **O pote vazio**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

DOHME, Vânia D'Angelo. **Técnicas de Contar Histórias**: um guia para desenvolver as suas habilidades e obter sucesso na apresentação de uma história. São Paulo: Informal Editora, 2000.

DONALDSON, Julia. **O Grúfalo**. Tradução: Gilda de Aquino; ilustrações de Axel Scheffler. Rio de Janeiro: Brinque-Book, 2013.

DONALDSON, Julia. **O gigante mais elegante da cidade**. Tradução: Gilda de Aquino. Rio de Janeiro: Brinque-Book, 2018.



EMBERLEY, Ed. **Vai embora, grande monstro verde**. Tradução: Gilda de Aquino. São Paulo: Brinque-Book, 2009.

FORIN, Renato. **De gregos a baianos**: canção, literatura e teatro nas tramas rapsódias de Maria Bethânia. Londrina: EDUEL, 2017.

FREDERICO, Fernandes. Oralidade e poesia oral: problemas e alternativas para o ensino de literatura. **IV SENALE- Seminário Nacional sobre Linguagem e Ensino**. Pelotas, RS. 2007.

FURNARI, Eva. **Não confunda**. São Paulo: Moderna, 1995.

GARCIA, Angela. **Expressão corporal**: aspectos gerais. Porto Alegre, Edipucrs, 2008

GIRARDELLO, Gilka. **Imaginação**: arte e ciência na infância. Florianópolis: UFSC, 2011.

HAVELOCK, Eric. **Prefácio a Platão**. Tradução: Enid Abreu Dobránsky. Campinas, SP: Papyrus, 1996

LACOMBE, Ana Luísa. **Quanta história numa história**: relato das experiências de uma contadora de histórias. São Paulo: É Realizações, 2015

LA FONTAINE, Jean de. **Fábulas de Esopo**. Adaptação: Lúcia Tulchinski. São Paulo: Scipione, 2001.

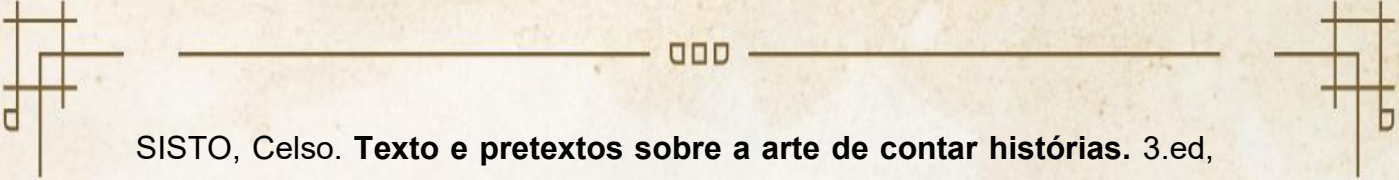
PRIETO, Benita. **Contadores de histórias**: um exercício para muitas vozes. Rio de Janeiro: Prieto Produções Artísticas, 2011.

QUINTILIANO, Marco Fabio. **Instituciones oratorias**. Edição espanhola. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/24616141101038942754491/index.htm>. Acesso em: 31 maio 2025.

ROCHA, Ruth. **Bom dia todas as cores**. São Paulo: Moderna, 1990.

SILVA, Valéria Santos da. Foi assim que me contaram, foi assim que contei: diálogos e reflexões sobre a narração de histórias *In*: SILVA, Valéria Santos da. **A arte narrativa na infância**: prática para o teatro da leitura e a contação de histórias. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015. cap. 2 p. 17-26

SILVERSTEIN, Shel. **A parte que falta**. Tradução: Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018.



SISTO, Celso. **Texto e pretextos sobre a arte de contar histórias**. 3.ed, Belo Horizonte: Aletria, 2015.

VARGAS LLOSA, Mario. **El hablador**. 4. ed. Barcelona: Editorial Seix Barral, 1995.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. Curitiba: Ibpex, 2010.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003.

